

Allan da Rosa

Zagaia (trechos)

O moleque é Zagaia
Filho de presidiário
Ardida fera ligeira
Criada sem horário
Aprendiz da Lua Cheia
Veneno de Serpentário

Pai sempre na carrocinha
Zagaia rua e casa
Neblina e madrugada
No vidão ganhando asa
Amigo dos viajantes
Descalços pisando brasa

É bom lembrar o óbvio
Senão fica esquecido
Trocentos anos de senzala
Negro chicote sentido
Hoje em morros crianças
Rosto preto ou curtido

Filhote no subúrbio
Mulato, pardo ou preto
Sobra futuro capenga
Dia-a-dia de espeto
De ancestral Moçambique
Angola, Jejê ou Queto

Cabra vindo do Nordeste
De pele pouco mais clara
Também sofre do Quebranto
Pois justiça é joia rara
Fugindo da amargura
Com tristeza se depara

No bairro onde ficaram
Predomina a pindaíba
Guetos quentes sempre cheios
De irmãos da Paraíba
Moeda forte por ali
É malícia e catimba

(Zagaia, 2007.)